

... ALEGRIA DOS HOMENS

Casa Nº 5, de Walderez Cardoso Gomes.

Editores UFMG, 48 p. (infanto-juvenil)

Foi num domingo que ela chegou, a velhinha concertista que iria mudar a vida do vilarejo.

Durante uma semana as pessoas iriam conviver com o mistério e o encantamento: quem era aquela velhinha extraordinária, que fazia coisas simples e tão maravilhosas, de onde tinha vindo, o que pretendia? Magia e mistério se misturam e a narrativa avança pelo dia-a-dia da cidadezinha.

Na quinta-feira chega Ataliba, o gato da velhinha da casa nº 5. Não um gato qualquer, mas Ataliba, o Gato. Veio de jipe, majestaticamente sentado no banco de trás numa rica almofada, ares e enígmias de faraó.

A sedução aumenta: um a um, os habitantes do vilarejo se deixam enredar pelo fascínio do maravilhoso que vão descobrindo nas coisas simples do seu cotidiano: bordar um tapete, pescar, jogar bolinhas de gude ou sinuca, fazer ginástica, pintar paredes, dançar, reunir-se para um jantar... e música, muita música; afinal a velhinha era, antes de mais nada, uma concertista. Até que, no domingo pela manhã, a velhinha se vai com seu gato e seu chofer de blusão amarelo, boné marrom e luvas de couro. Ela se foi cantando “uma canção tão simples, tão ingênua, que a canção ficou no ar”.

Muito tempo depois, a cidade de novo em sua vidinha rotineira, aparece “um grande e extraordinário cartaz. Anunciava a chegada de uma notável cantora”.

Parábola? Alegoria?

Os sete dias da semana: espaço do Gênese?

Domingo: ressurreição? O jantar para 12 convidados e a multiplicação dos pães? Talvez. Mas, antes de tudo, a Casa nº 5 é uma epifania: a revelação do mundo, da beleza, um livro de amor às coisas simples, o resgate do sabor e dos perfumes cuja memória a rotina esmaece.

E, coerentemente, Walderez Cardoso trabalha sua linguagem da mesma forma que constrói o universo da narrativa: é um ato de criação que se dá, não pela instância do novo, mas pela instância da redenção: sintaxe e vocabulário absolutamente simples, corriqueiros rompem os fósseis do lugar-comum e vêm à luz com um viço novo, solfejo de música antiga cuja beleza se havia esquecido.

Vale a leitura. Pelo prazer. Para o prazer.

ORLANDO BIANCHINI

Professor da Faculdade de Letras
da UFMG